

Resposta á "O Brasileiro não é triste".

O juízo "O Brasileiro é triste" não significa "Todo Brasileiro é sempre triste" mas esconde o seguinte silogismo: (1) Há algo que podemos chamar caráter popular. (2) O povo brasileiro tem um caráter popular. (3) Os caracteres populares podem ser comparados entre si. (4) Se comparamos o caráter popular brasileiro com outros, ele revela certas diferenças, entre as quais uma tendência para a tristeza.

Para o presente tema os pontos (1), (2) e (3) são pacíficos, por serem premissas. O problema a tratar é o seguinte: Qual é o método ou métodos de verificar um caráter popular? E qual é o método ou métodos de comparar caracteres populares. Sugiro que existem dois métodos, ambos duvidosos, mas ambos em uso contínuo e inevitável: O método da experiência estética direta e imediata, e o método analítico das manifestações indiretas do caráter popular. O primeiro método é acessível somente ao estrangeiro sujeito ao impacto direto da nova experiência de um caráter popular. O segundo é um método progressivo e exige profundo conhecimento da cultura e civilização do povo a ser analisado. O primeiro método traz uma convicção imediata. O segundo traz uma multidão de indícios contraditórios. O primeiro método é subjetivo, o segundo luta por objetividade.

O autor de "O Brasileiro não é triste" é Brasileiro, e portanto excluído do uso do primeiro método. Daí a sua incapacidade de compreender a origem da convicção sobre a tristeza brasileira. O seu livrinho demonstra bem as falhas do segundo método, as contradições, as generalizações gratuitas, a demagogia, o pathos vazio etc., ao qual conduz necessariamente uma tentativa de encontrar um caráter popular através de suas manifestações como a arte, a música, o folclore, a literatura etc. Deste ponto de vista o livrinho é sóbrio e convincente. Mas o autor falha completamente, por não compreender que este método não é mais de que reação ao primeiro método da experiência direta. Que a análise das manifestações coletivas brasileiras tem somente um objetivo: comprovar ou desprovar a convicção subjetiva: O Brasileiro é triste.

Quero descrever em poucas palavras como surge essa convicção subjetiva. O estrangeiro que chega pela primeira vez ao Brasil nota certas divergências entre o caráter estético (no sentido grego da palavra) do ambiente novo, o brasileiro, e o ambiente ao qual está acostumado. E estas divergências o tornam triste. Se se trata de um estrangeiro viajado, que já conheceu outras experiências paralelas, que conheceu por exemplo o impacto da França, que o tornou alegre, da Inglaterra que o tornou sério, dos Estados Unidos que o tornou nervoso etc., ele poderá subsumar todas estas experiências num juízo como este "A França é alegre, a Inglaterra seria, os Estados Unidos nervosos e o Brasil triste". Este juízo é altamente subjetivo, e não teria valor nenhum, se não fosse emitido por grande número de pessoas. Como, no entanto, isto acontece, surge a necessidade de uma análise da primeira impressão causada pelo ambiente brasileiro.

Se posso condensar essa primeira impressão, diria que se trata de uma imagem de um povo velho, que não conheceu nunca infância nem adolescência, e isto nos torna triste. Nas praias as crianças não constroem castelos de areia nem dançam cirandas, mas brincam perto das suas mães. Talvez não sejam tristes, mas nós ficamos tristes ao vê-las. Nos restaurantes os moços não acenam um para o outro de mesa em mesa, nem discutem aos braços política ou ideologia, mas cada um come o seu almoço, enquanto os altofalantes berram música artificial excitante. Talvez não sejam tristes, mas nós ficamos tristes. As empregadas domésticas não cantam as intermináveis e languidas "Morritates" ao limpar as vidraças, mas ligam o rádio para ouvir radionovela. É, por absurdo que isto pareça, isto causa uma impressão de tristeza muito maior do que a falsa sentimentalidade europeia. Os namorados andam de mãos dadas ou sentam em bancos comprimidos um contra o outro, mas não correm, não cantam, não brigam em voz alta, não caçam um o outro. Talvez sejam felizes, mas ao vê-los, nós ficamos cheios de tristeza e compaixão. Nas esquinas das ruas ficam parados grupos de homens, cada um por si e separado dos outros. Parados sem fazer nada. É um fenómeno que não observei em nenhum país a não ser aqui. É a personificação da solidão e da tristeza.

Resposta é "O Brasileiro não é triste".

Eu poderia multiplicar os exemplos. E tudo isto, toda esta aparente mansa e languida tristeza, este tédio sem fim, debaixo de um céu tropical, palmeiras, mar azul, vegetação verde, edifícios brancos. O contraste aumenta a tristeza do estrangeiro e dá-lhe vontade de chorar. "Como deve ser infeliz este povo" pensa ele subconscientemente, "se, no meio de uma natureza tão exorbitante ficou tão apático, que precisa de estimulantes como os milhares de rádios ligados a toda força e os cartazes lascivos em toda parede para se mexer da esquina?"

É sabido que todos nós formamos uma opinião sobre coisas que não conhecemos e quanto mais as conhecemos, tanto mais duvidamos. Quando tinha quinze dias de permanência no Brasil, tinha uma opinião formada sobre ele. Era um país profundamente triste. Hoje, depois de vinte anos, sou incapaz de formular uma única opinião sobre o país. Sou prisioneiro do segundo método, do analítico, e vejo os pros e os contras. Mas algo da minha opinião primitiva persiste e gostaria saber, até que ponto ela era "objetivamente" justificada ou injustificada. O livrinho "O Brasileiro não é triste" nada me esclareceu neste sentido, por não enxergar o problema.